

por Artur Justino

■ *Aproxima-se o inverno, anunciando-se grandes iniciativas no campo literário. Fala-se na publicação de novas revistas, de cadernos literários, etc.; os editores preparam-se para lançar no mercado novas obras: de portugueses e de estrangeiros.*

Fiquemos, pois, na expectativa. Esperemos que as boas ideias tenham realização prática e que os editores, cónscios dos seus deveres e dos próprios interesses, procurem fazer obra útil e correcta.

■ *Está no prelo a 2.ª edição do livro de versos **Agua-relas**, do jovem poeta algarvio A. Vicente Campinas.*

■ *A «Seara Nova» anuncia para breve a saída do 1.º volume de **Páginas de Política**, de Raúl Proença, com prefácios de António Sérgio e Câmara Reis.*

■ *Entre os livros que ultimamente, entre nós, obtiveram grande sucesso, conta-se **Maíá Põçon**, de Viana de Almeida, sobre o qual escreveu Aquilino Ribeiro: «Até que enfim apareceu um livro humano, profundo, claro, sério, sobre a África».*

■ *O Ministério da Educação do Brasil editou: **Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Romântica**, por Manuel Bandeira. Eis uma iniciativa cultural interessante, digna de ser aplaudida e imitada.*

■ *Vai ser em breve posta à venda, editada pela Livraria Civilização—Pôrto, uma nova biografia: **Fernão de Magalhães**—obra de Stefan Zweig.*

■ *Na «Seara Nova», Castelo Branco Chaves, fala com muita justiça do desleixo imperdoável com que são apresentadas algumas traduções das melhores obras da actual literatura europeia, facto a que também já nos referimos em número anterior.*

O artista (e agora referimos particularmente ao plástico) exactamente porque o é, não pode ficar impassível perante a natureza. E' uma verdade de M. de La Palisse, que, não obstante, M. de La Palisse não logra apreender em toda a sua extensão. Porquanto a perturbação sofrida pelo artista em face da realidade assume aspectos múltiplos. Exige, pois, a antecedente afirmação um esclarecimento.

De facto, uns entendem a sugestão da natureza como propulsora da prosternada adoração de muitos pelo belo natural, adoração essa tão rendida que anquilosa o artista, até o extremo de ser apenas norteado pelo objectivo, todo material, de fixar em forma de Arte qualquer pedaço espeçioso da realidade ambiente. Para estes, o grande Mestre, ao qual devemos tributar as loas da mais cimeira glória, é o que não apenas sabe descortinar o recondito belo da natureza—mas ainda consegue reproduzi-lo fielmente.

Porém, a verdade é que a muitos (e estes, cuidamos nós, são os que, positivamente, têm tendências antísticas) tal fotografar do agreste, incivilizado pelo natural, não satisfaz. O temperamento do artista leva a indagar para além do real—posto que através do real, ovo de toda a criação no campo da Arte.

Artista é o que se serve da realidade tão sómente para criar uma realidade mais alta. A natureza, para elle, não passa de escadório (por vezes magnífico escadório) pelo qual se ascende à beleza ideal. Daqui a necessidade imperativa de transformar, de corrigir o mundo, adaptando-o à sua visão interior, que, insistentemente, vai moldando a visão exterior, com vista a torná-la um reflexo da primeira. Não curam estes de captar o que a natureza de facto é—senão o que elles queriam que ela fôsse. Não os satisfaz o mundo corriqueiro, que nos rodeia.

Notam-lhe os defeitos, surpreendem-lhe as insuficiências. Sabem que só por mero acaso a realidade coincidirá com a sua imaginação de estetas—e isto, apenas, porque outros valores interferem no universo externo, ao passo que, no seu mundo interior, há um único conjunto de valores a imperar: os estéticos.

//

Ora, entre os que sentem esta necessidade de corrigir a natureza (e são todos os que verdadeiramente são artistas,

repetimos) duas correntes se destacam.

Em primeiro lugar, vêm os que deformam a realidade num sentido de maior equilíbrio, isto é, os que buscam tornar a realidade mais serenamente bela. A outra corrente, pelo contrário, tende a desprezar as sublimes harmonias, o belo nobre, para se dirigir, ébria de expressionismo, à deformação caracterizadora, significativa, próxima parente do caricatural.

Entre os primeiros podemos integrar toda a fidalga linhagem dos escultores da velha Grécia, mórmente os do período áureo, com Fidias à cabeça. Depois, no ocaso heleístico, a segunda tendência começou a corporizar-se—quando o gosto derivou para as figuras contorcidas, de linhas exaltadas e dinâmicas, cujo protótipo é o grupo eloqüentíssimo do Laocoonte.

Na Idade-Média, a primeira corrente extinguiu-se. A cegueira mística incompatibilizou-se com o belo formal. A Arte, mais que nunca, afundou-se no transcendente, passou a ser ponte de passagem para a exaltação religiosa. Por vezes, o desprezo pelo belo cortical vai até o ponto da Arte descer a mero simbolismo: vale pelo que exprime ou significa—nunca pelo que é. Donde o predomínio vitorioso da tendência expressiva da Arte—predomínio este que, não poucas vezes, se excedeu até o mais deplorável grotesco.

E' disto prova convincente toda a população escultórica das catedrais românicas—na rigidez das suas atitudes hírtas, e, apesar disso, prenhes de intenção expressiva. E a escultura gótica, ainda que revelando mais carinhosa observação da natureza, também não deixou de colocar no acume dos valores estéticos, não a beleza das formas, mas a beleza anímica.

Na Renascença operou-se um refluxo. Preponderou a feição embelezadora. Como não ser assim numa época em que o homem, cansado de abstracções supra-terrenas, redescobriu o mundo? Mas, a par e passo que esta faceta se alargava, a falange expressionista também teve a sua representação. O binário Rafael-Miguel Angelo era constituído pelos supernos representantes das duas facções. Buscava o primeiro a transhumana beleza na serenidade, na harmonia, na correcção das linhas e das formas. O outro, o apocalíptico titã, sacrificava a correcção e a harmo-

nia à necessidade imperiosa de exprimir agitadas paixões.

Depois do Renascimento, ambas as modalidades vicejaram, par a par, ou com breves eclipses de uma ou de outra. Haja em vista todo o séc. XVII italiano, e o séc. XVIII, assim como a escola de David, até Ingres, passando por Pousin—representantes, mais ou menos dignos, do classicismo. No polo oposto, avulta, com impressionante unidade de temperamentos, a escola espanhola. Zurbaran, o Goya, principalmente o Greco—e, por vezes, o próprio Velasquez—são frisantes ilustrações do que se pode entender por deformação expressiva. No séc. XIX topamos o caso nítido de Delacroix, além de outros, como Gericault e, nos últimos decénios, Rodin, Degas, e todo o exército dos impressionistas.

//

Se nos applicamos à análise da Arte do nosso tempo, notaremos que, à semelhança da Idade-Média, só a tendência expressionista se manifesta com exuberância. A feição «embelezadora», que tem no seu passado nomes illustres e obras soberanas, não se extinguiu: aconteceu-lhe pior: recolheu-se aos recessos do academismo. Isto é: afundou-se num servilismo irritante, enfadonho, falho de originalidade.

De modo que a «coterie» expressionista, liberta de todas as peias da concorrência, só em campo, excedeu-se até muito para além dos limites do suportável. E as mil e uma correntes da Arte contemporânea, englobadas no nome genérico de modernismo, vieram à luz do dia. Não já o desprezo pela forma, mas o horror mórbido por toda a estética alicerçada num ideal de elegância equilibrada—eis o que se vê. Culpa do academismo estéril, bem o sabemos; mas como todos os exagêros, carecente de correcção.

Não desesperemos, porém. Felizmente já se debuxa uma ainda indecisa revolta contra tais excessos, revolta esta que, pela certa, ganhará corpo e vigor. E outra vez, ao lado da beleza expressiva, nos paroxismos dos seus sentimentos exaltados, florescerá a beleza digna das formas eternamente equilibradas. E tal desiderato não é indesejável, visto que, lancem embora os zollos poeira aos nossos olhos, o classicismo pode abarcar traços inéditos, que não cabem dentro do academismo estreito, mortalmente imbuido de impersonalidade.